

O DESENHO E A PALAVRA A FAVOR DA FABULAÇÃO DOS ESPAÇOS

DRAWING AND THE WORD AS MOVEMENT TOWARD THE FABULATION OF THE WORLD

Rafaela Barbosa Ribeiro¹
Mestranda PPGARTES/UFPEL
Associado/a/e ANPAP: Não

Helene Gomes Sacco²
Docente CA/ UFPEl
Associado/a/e ANPAP: Não

Carolina Corrêa Rochefort³
Docente CA/ UFPEl
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

O presente texto é um recorte da pesquisa que estou construindo no mestrado em Artes no PPGArtes/UFPEL na linha de pesquisa de Processos Criativos e Poéticas do Cotidiano. Neste espaço, procuro reunir alguns trabalhos e analisar aproximações não só dos processos de criação e conceitos operatórios, mas de forma a pensar a atuação do desenho nos diferentes trabalhos, meios e suportes e a relação que eles tecem com o mundo. Para isso, vou reconhecendo uma forma muito particular de desenhar que parte da percepção atenta dos lugares do mundo e que se utilizam da fabulação (Deleuze, 2010) para ir além, abrindo lugares de atenção, relação, presença e crítica sobre o mundo.

Palavras-Chave: Desenho. Palavra. Espaço. Fabulação. Arte contemporânea.

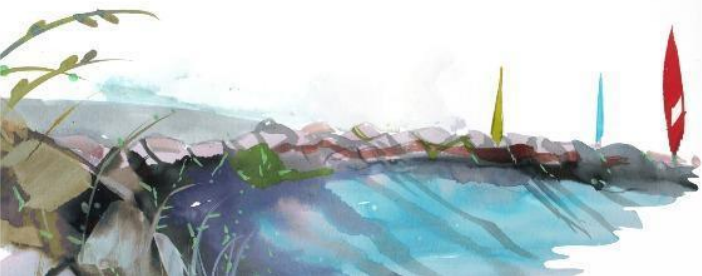
ABSTRACT

This text is an excerpt from the research I am developing in the Master's program in Arts at PPGArtes/UFPEL, within the research line Creative Processes and Everyday Poetics. In this space, I seek to bring together some works and analyze the connections not only between

¹ Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (2021), graduanda em Licenciatura Artes Visuais e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes pela mesma universidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2637064470342451>

² Artista e pesquisadora, é Doutora (2014) e Mestre (2009) em Arte Visuais, no PPGAV/UFRGS. Tem Bacharelado em Artes Visuais na CA/UFPE (1999). É professora e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes, PPGArtes da UFPEL, no Mestrado e Doutorado. Por via da escrita e publicações de artista, pesquisa a casa, objetos, o modo de vida e a vida das coisas. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7729369777149419> Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9645-3409>

³ Doutora em Educação pelo PPGE - FAE - UFPEl (2020), Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV - IA - UFRGS (2010), Especialista em Poéticas Visuais pela Universidade FEEVALE (2008), Graduação no Curso de Artes Visuais Bacharelado em Gravura pela Universidade Federal de Pelotas (2005). É professora adjunta do Centro de Artes da UFPEl. Coordenadora do Projeto Patafísica: arte-educação-filosofia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7036286650193178>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9518-9384>



creative processes and operative concepts, but also in a way that considers the role of drawing across different works, media, and supports, and the relationships they weave with the world. To do so, I gradually recognize a very particular way of drawing—one that stems from attentive perception of places in the world and makes use of fabulation (Deleuze, 2010) to go further, opening spaces for attention, relation, presence, and critique in relation to the world.

KEYWORDS: *Drawing. Word. Space. Fabulation. Contemporary art.*

Abertura

O presente texto é um recorte da pesquisa que estou construindo no mestrado em Artes enquanto bolsista CAPES/CNPq no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas na linha de pesquisa de Processos Criativos e Poéticas do Cotidiano. O estudo, no entanto, precede a pós-graduação e inicia-se em meados de 2017 na graduação em bacharelado em artes visuais, ao ter percebido e escolhido o desenho e o gesto de desenhar como condutores de minha produção e, também, como um modo que encontrei de perceber o mundo, de ser afetada por ele e de afetá-lo.

Para fazer jus ao título dessa seção do texto, abrirei as portas e as janelas dessa casa que habito há algum tempo: o desenho. Ao habitar esse fazer, pude reconhecer os cantos, ângulos e frestas dessa linguagem autônoma, projetiva e incompleta (Godoy, 2013), e é nesse estágio da história do desenho que me apoio: um momento em que ele carrega todas essas características. Como propõe Vinícius Godoy, trata-se de um desenho que, mesmo enquanto projeto, 1. não projeta nada, 2. projeta a si mesmo, 3. segue projetando um outro ou, ainda, 4. combina essas três possibilidades (Godoy, 2013, p. 91). A liberdade de uma quase contradição do desenho que aponta Godoy, me conduz ao conceito de “fabulação” a partir da filosofia deleuziana, que irei aprofundar na última seção deste texto. Na casa que habito há algum tempo (o desenho), se abre um corredor entre a fabulação e o desenho, permitindo que o conceito e a linguagem compartilhem o mesmo ambiente e se conectem por uma mesma forma de morar. Ao estar nesse lugar, escuto em eco uma frase que não consigo discernir a origem, que repete: o compromisso do desenho é com o absurdo.



Desde então, tenho exercitado a prática de construir fabulações — seja pelo desenho, seja na escrita, em diferentes suportes, por diferentes materialidades. A fabulação, assim como a vontade de fazer ver (inventar uma obra), tem se tornado um estímulo de vida. O exercício se aproxima da tarefa de propor outros modos de envolvimento e de percepção da arte, sobretudo, pelo entrelaçamento entre arte e vida; algo que já explorei em trabalhos anteriores, os quais apresentarei alguns neste texto. Em meu processo criativo, percebo operações que indicam caminhos importantes, é a partir dessas operações e das linguagens imbricadas nelas que a discussão desta pesquisa acontece. Assim, percebo que em meus trabalhos elaboro situações de fabulação dos espaços através do desenho e da palavra, articulados com a arte contemporânea. Ou seja, crio situações sutis que propõem um pensamento crítico e uma percepção sensível no mundo.

O desenho como um grande plano

No ímpeto de inscrever desenho e palavra no mundo, sobretudo num momento de isolamento social, motivado pela crise sanitária da pandemia de COVID-19, acontece o trabalho *Um Grande Plano* de 2021. Uma videoarte em que a partir de uma projeção decalco desenhos da paisagem que liga minha cidade natal, Bagé, à cidade de Aceguá, uma das fronteiras do Brasil com o Uruguai. A viagem virtual é feita através da ferramenta do Google Maps e Google Street View, que me possibilita estar e ver esse lugar de maneira digital e bidimensional.

O vídeo inicia com o plano mais aberto com uma margem além da projeção sobre a parede. O enquadramento vai se alterando, por vezes com uma aproximação maior, por vezes mais distante, brinca com o recorte da paisagem que servirá como plano de fundo para o desenho. Me direciono para um lugar onde o desenho sobre a projeção é possível: uma propriedade privada de cercas bem estruturadas, em que eu já havia reconhecido o caráter gráfico da cena ao percorrer esse espaço outras vezes. Assim, traço linhas onde já existe a linha e reforço o desenho do mundo, nesse caso, os desenhos de demarcações bem estabelecidas no campo e no mundo digital. O vídeo



é montado na sequência cronológica em que a ação de quase 1 hora é feita, acompanhando o acúmulo de desenhos à medida em que eles são feitos. Os desenhos gerados no vídeo são expostos junto com a projeção, fazendo parte da obra.

Me interessava resgatar o desenho do lado de fora, um desenho que está no mundo e não junto comigo, o que coincidia com a situação pandêmica, mas não se restringia apenas a esse momento. Assim, o processo de olhar o horizonte, se tornou um grande plano de ampliar ainda mais o espaço do desenho. Nesse sentido, desenhar por cima de uma projeção lida também com o desejo e a vontade de capturar um pouco do mundo para daí bagunçá-lo, ou melhor, fabulá-lo (Imagem 1).

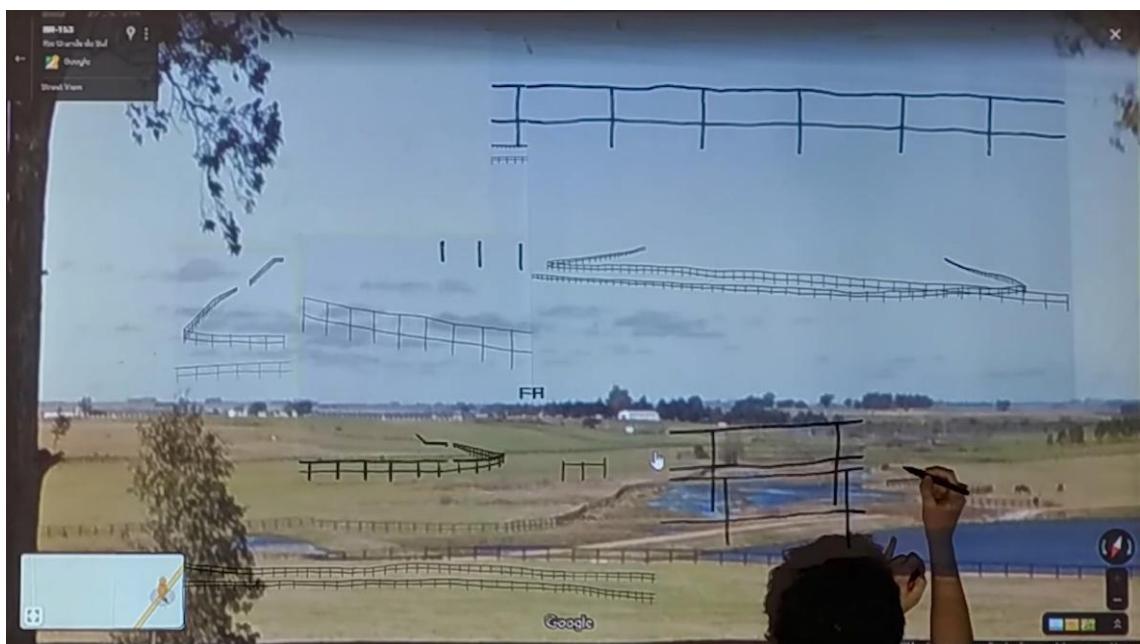


Imagem 1. Último frame do vídeo *Um Grande Plano* ainda com a projeção. Fonte: Acervo pessoal.
Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=ZDkkGt2M8QQ>

Ao fazer o trabalho *Um Grande Plano*, me interessava resgatar as linhas retas e contrastantes que uma vez encontrei no horizonte. Minha escolha inicial era essa, o meu plano: reencontrar o desenho e me apropriar dele. Quando adentro o contexto que os mapas propõem, percebi uma outra vontade que é bagunçar esse desenho de mundo. O plano se tornou, então, fazer uma grande colagem com a visualidade destes lugares (virtuais e reais) e recontar a história, fabulá-la. Como Carmela Gross comenta



sobre uma de suas obras em entrevista: “a operação parte do mundo real, mas desmancha o mundo, para armá-lo noutra plano” (Gross, 2017).

Me inquietou a possibilidade de construir, desconstruir e reconstruir as linhas duras e limitantes daquele lugar para extrair um pensamento crítico à realidade. Olhar a paisagem digital com intenção de inventar mundos impossíveis ao construir cercas na amplitude do céu, fazendo dessas cercas meros riscos, sem mais a responsabilidade de limitar. Esse aspecto livre e potente do desenho é capaz despertar questionamento acerca das fórmulas do mundo; por que a privação dos espaços? Por que divisórias tão imponentes na paisagem? Por que as imagens de nosso mundo estão sob a égide de uma empresa multinacional?

É justamente na potência sutil e sorradeira da linguagem do desenho de lançar perguntas universais, ao mesmo tempo livres e críticas, que a fabulação se agencia nos meus trabalhos. É por meio dessa delicadeza que procuro tensionar as expectativas impostas por uma determinada realidade social e cultural: modos de *trabalhar*, de *esperar* (palavras/verbos que mobilizei em outro trabalho), de perceber os territórios e, também, de perceber a si mesmo. As qualidades do desenho se manifestam também para além da linha, às vezes como palavras, frases, sugestões, pequenas inserções que conduzem o olhar e o pensamento. São gestos delicados que lidam com a fragilidade de transportar o traço gráfico para o mundo físico (Kyriakakis, 2007). Nesse contexto, o desenho é uma forma de denunciar o que está posto, mas uma denúncia que se imprime nas entrelinhas como um sussurro. É nesse espaço silencioso e tenso que me proponho a olhar, perceber, experimentar, inventar, fabular e intervir, atravessando a malha de contradições e belezas que o desenho revela quando confrontado com os espaços.

Ainda, e não menos importante, o trabalho se propõe a conduzir um imaginário a partir do próprio título: *Um Grande Plano*. Parto da compreensão de que tudo o que foi discutido até aqui — cercas, propriedades privadas e domínio das imagens — é consequência de ações e estratégias concretas de um sistema capitalista. Diante disso, meu desejo era arquitetar outro tipo de plano, um contra-plano capaz de reencontrar, no desenho, uma possibilidade de reorganizar o mundo. Mesmo lidando



com contradições evidentes como o uso da tecnologia, a apropriação de imagens de paisagens elitizadas ou os elementos que expressam divisão, como cercas, busquei tensionar esses signos para produzir outras leituras e sentidos. Durante a exposição deste trabalho, os espectadores foram convidados a desenharem “outro plano” de mundo coletivamente, compartilhando, imaginando e redistribuindo o poder que existe no gesto brincante da mão de cada pessoa ali presente que desenhava nos papéis e paredes da exposição (Imagem 2). Os desenhos gerados pelo público eram incorporados na exposição posteriormente.



Imagem 2. Registro da interação do público sobre o trabalho *Um Grande Plano* durante minha exposição individual “Tudo o que (também) faz parte do desenho” no Corredor 14, em Pelotas/RS, em novembro de 2021. Fonte: Acervo pessoal.

Escrevo como quem não quer nada

Durante a residência artística que participei à distância na Galeria Refresco no Rio de Janeiro, desenvolvi o projeto “..., como quem não quer nada”. A circunstância remota me propiciou a pensar maneiras de estar com o trabalho presente no Rio de Janeiro e em Pelotas. Assim, projetei o trabalho para ser duas faixas em lona, uma para cada



cidade. A faixa exposta em Pelotas carregava o dizer "espero, como quem não quer nada" (Imagem 3), a outra expunha o dizer "trabalho, como quem não quer nada" (Imagem 4) no bairro portuário Santo Cristo, na capital carioca. As faixas de cerca de seis metros de comprimento, tem fundo branco e letras vermelhas em caixa baixa, fonte arial, negrito e itálico, seguindo um modelo tradicional de anúncios e publicidades comuns no meio urbano. Ambas foram expostas em um mesmo dia de abril de 2021, em locais onde formavam uma composição com a paisagem e com o horizonte. Também foram expostas em outras ocasiões, que não abordarei neste texto.

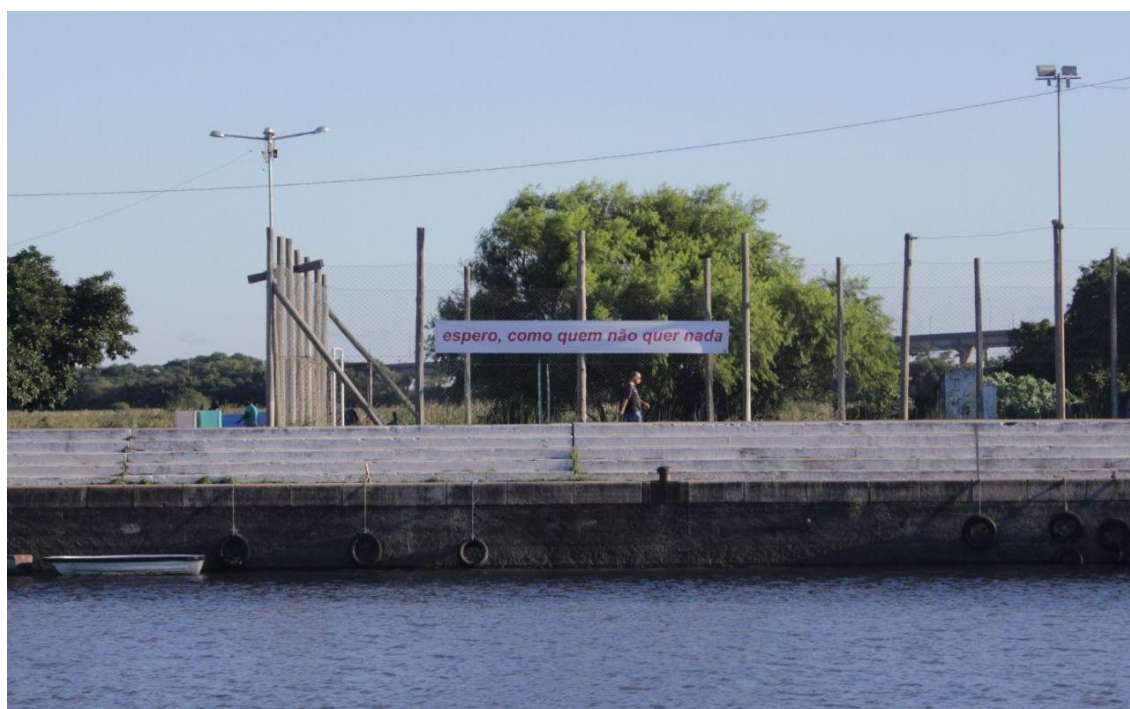


Imagem 3. Registro da exposição da faixa *espero, como quem não quer nada* no Quadrado em Pelotas em 2021. Fonte: Acervo pessoal.

A ideia para compor a frase surgiu da semelhança entre o ditado popular “como quem não quer nada” e a sensação individual e coletiva que se instalou durante a pandemia, marcada por um tempo suspenso e sem previsão de fim. A expressão me pareceu simbólica para aquele momento porque carrega um tom de esperança despretensiosa, mas que ainda preserva alguma fé no fim daquele sofrimento. O interesse por essa expressão brasileira me levou a refletir sobre os direitos sociais básicos do cidadão através da Constituição Brasileira de 1988. Pensar por um meio



legal, me ofereceu uma maneira mais ampla de enxergar o que havia em comum entre os contextos do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, procurava por algo que nos unia. Quis entender: o que podemos, afinal, esperar em troca de simplesmente existir? Ao que temos direito? O que nos cabe desejar? Perguntas que se direcionam a população de modo geral e que, portanto, poderiam gerar diversos sentidos, independente de qual localidade estivesse.

A partir dessas perguntas, surgiu a proposta de criar uma série de faixas, cada uma contendo uma frase relacionada a um ou mais direitos sociais. Por exemplo: “espero, como quem não quer nada” se refere ao direito ao lazer; “trabalho”, ao direito ao trabalho, e assim por diante. Algumas dessas frases ainda permanecem como projeto ou se desdobram em outros formatos, como adesivos. Ao convocar os verbos em primeira pessoa pretendo instigar experiências comuns, tanto dentro do contexto sociopolítico dos nossos direitos sociais, quanto na relação direta que se estabelece entre a frase e a pessoa que a encontra no espaço público.



Imagem 4. Registro da exposição da faixa “trabalho, como quem não quer nada” na Galeria Refresco no Rio de Janeiro em 2021. Fonte: Acervo pessoal.

Se o desenho opera tensionando e inscrevendo o mundo como apresentado no trabalho anterior, a palavra, por sua vez, não se distancia desse gesto. Neste, ela se inscreve no espaço como legenda, como presença, como imagem, convocando



sentidos e pequenas provocações que afetam o modo de ver e perceber o cotidiano. Assim, a palavra captura do espaço zonas de tensão e de atenção, onde se procura um elo de ligação entre a palavra e o espaço em que ela está inserida. O olhar inaugura formas de pensar o contexto a partir da palavra junto da paisagem, quase como um convite a continuar aquele texto que vaga, ou que dá vaga no ar.

Escrever, nas artes visuais, significa inscrever a escrita no mundo dos objetos ou das ações – onde a página é apenas uma entre um trilhão de possibilidades – ou seja, trata-se da criação verbal e da decisão de como ela será inscrita no mundo. (Morais, 2018, p. 2).

Nesse sentido, o trabalho conversa com o espaço se valendo do que Fábio Moraes apresenta. Gera uma espécie de jogo que cria e desfaz expectativas e reforça que escrever e desenhar não são ações tão diferentes, pois podem cumprir papéis muito semelhantes: se inscrever entre o mundo e o público.

Escrevo para recepcionar meu desenho

É nesse sentido que o trabalho *Bem-vinda novamente a sua casa* (Imagem 5) opera. O trabalho a seguir foi um convite que fiz a mim mesma a olhar os lares que me cercam diariamente. Ele consiste em fotografias de tapetes de entrada de apartamentos do condomínio onde resido, a COHABPel. O Conjunto Habitacional marca a história e a cultura da cidade de Pelotas sendo o primeiro condomínio vertical da região, em meados dos anos 60, composto por cinquenta blocos de quatro andares cada (no Plano 1) e ainda ocupando outros cinco quarteirões na zona norte da cidade (com os Planos 2 e 3). Blocos e andares onde subi e descii as escadas, ouvindo a vida das pessoas fazendo barulho; discutindo, conversando, assistindo televisão, tomando banho, limpando pratos, abrindo e fechando portas.

Nas imagens, muitos elementos se repetem: o enquadramento, a cor do piso, a cor dos degraus, as portas de madeira branca, as paredes balizando o espaço, etc. Essas repetições reforçam o caráter ordinário desses tapetes. São comuns, cotidianos, utilitários. Mesmo que estejam presentes na maioria das portas, ainda há



singularidades em cada um e apresentar essas diferenças em cada fotografia é uma maneira de ressaltar tais singularidades de vida.

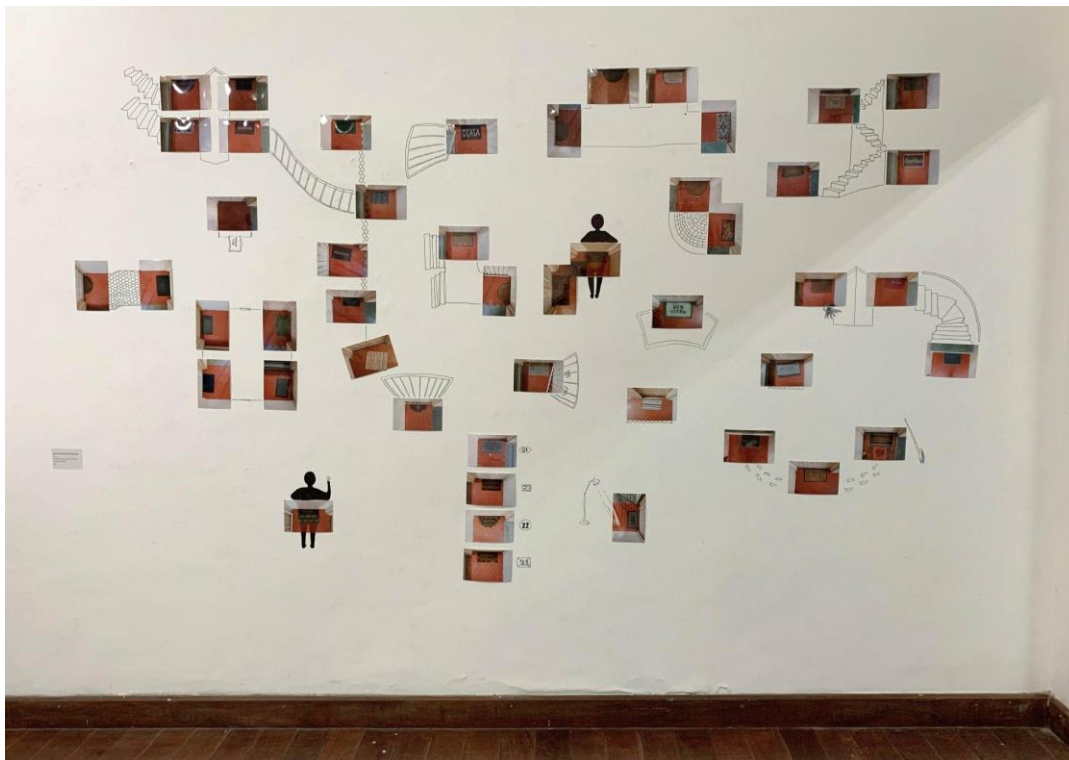


Imagem 5. Registro das fotografias e desenhos na parede do trabalho *Bem-vinda novamente a sua casa*, 2025, em exposição na Galeria A Sala. Fonte: Acervo pessoal.

Percebi esses espaços de entrada como uma linha tênue entre o público e o privado. A cada tapete, me senti bem-vinda, como a maioria deles sugere, mas também intrusa ao estar tão próxima ao mundo dessas pessoas. Me interessou olhar para a forma como cada morador expressa a sua maneira de habitar aquele pequeno espaço individual e coletivo; a forma que lhe pareceu adequada para se auto-recepcionar a sua casa, porque ao meu ver isso é, também, uma forma de desenhar.

Nesse sentido, os desenhos anexados às fotografias compuseram uma forma de ressignificar as informações contidas nas imagens. Detalhes que, se não fossem explicitados pelo desenho na parede, passariam despercebidos. Ao mesmo tempo em que esse desenho nos faz atentar para as sutilezas de cada apartamento, elas não correspondem verdadeiramente às imagens, mas inventam um espaço fabulatório para esses detalhes fazerem moradia (Imagem 6).

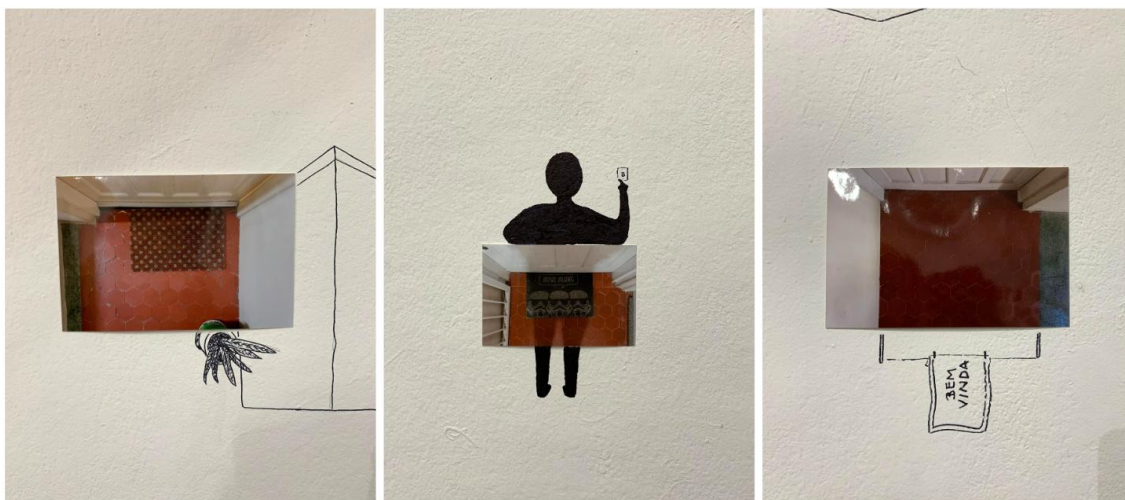


Imagem 6. Montagem com três registros das fotografias e desenhos na parede de *Bem-vinda novamente a sua casa*, 2025, em exposição na Galeria A Sala. Fonte: Acervo pessoal.

Considero o título como material fundamental para o trabalho e neste em específico, trago-o para ocupar um espaço maior do que a etiqueta da exposição (Imagem 7). Determinei que o título-frase acompanharia o trabalho em adesivo recortado sempre próximo à porta de saída do espaço, na intenção de também desenhar esse lugar, fazendo o espaço conversar com o corpo do visitante, e vice-versa. A frase “bem-vinda novamente a sua casa” tem diversas camadas. Primeiro, retoma o gesto repetitivo que deu origem à série: fotografar 51 portas, em 51 apartamentos diferentes, nos diversos blocos do condomínio. Depois, marca a escolha por flexionar a expressão no feminino, ressaltando a ausência de tapetes com a escrita “bem-vinda” em vez de “bem-vindo”, entendendo a maneira simbólica e mais ampla que esse detalhe pode ter. Por fim, anuncia uma auto-recepção a mim mesma, que com este trabalho voltei a produzir artisticamente depois de três anos. E que, por estar na porta de saída, nos recebe ao mundo, à rua, à cidade, ao espaço público, como uma maneira de lembrar que estar nesses espaços ainda é possível.



Imagem 7. Registros do adesivo do trabalho *Bem-vinda novamente a sua casa*, exposto na parede acima da porta de saída, durante a exposição *Desdobra 2*, na Quase Galeria, São Paulo, em 2024. Fonte: Acervo pessoal.

Desenho como projeto para escrever no mundo

Na fricção entre palavra, desenho e espaço apresento o trabalho *Projeto Piloto 1 e 2* (Imagem 8), uma experimentação gráfica que projeta bancos em frente aos câmpus que frequento na UFPel. *Projeto Piloto* se ancora em desenhos simples, esquemáticos, que propõem bancos onde não há. Esses traços feitos a caneta operam inscrições que provocam a pensar o espaço de uma outra forma: e se fosse possível habitar esse lugar e fazer dele um lugar para encontros? Os bancos não se realizam como objeto (pelo menos, ainda não), mas como fabulação, convite, desvio, provocação. É nesse sentido que o projeto habita o campo do possível e se faz como uma fabulação do cotidiano. A proposta é que os desenhos construam um imaginário possível para aqueles lugares e que aos poucos convide a comunidade a dar sentido para a presença desses objetos no espaço público.

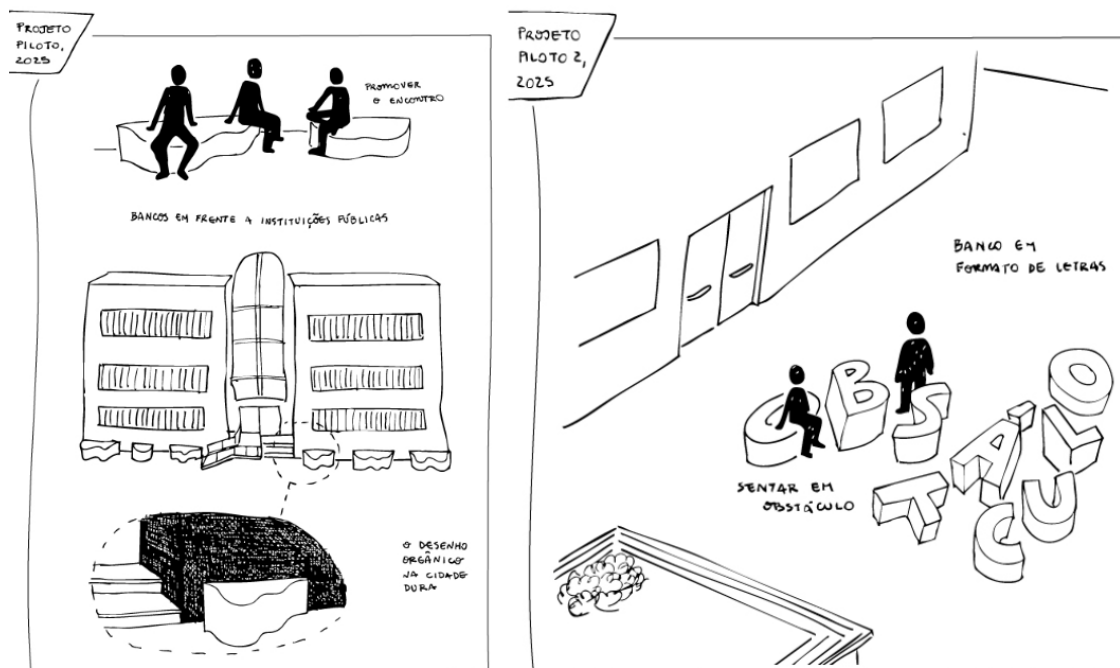


Imagem 8. Esquema de *Projeto Piloto 1 e 2, 2025*. Fonte: Acervo pessoal.

Farthing (2024) comenta que “eles [os desenhos] são ideias no limbo, projetos esperando para serem ativados e concretizados.” (Farthing, 2024). É nesse limbo que o projeto se instaura, como ideia ou como imagem, pegando emprestada da literatura a possibilidade de existir independente da materialidade.

Essa impossibilidade física talvez seja uma versão, no âmbito da arte, da fronteira onde arte e literatura se desemparam: assim como palavras não precisam de existência física, podem viver no plano do significado, do sentido, do nome, do pensamento, da oralidade, da imagem mental, etc., a escrita em arte pode emprestar da literatura essa existência absolutamente desmaterializada, na qual “Quem matou Herzog?”, de Cildo Meirelles, e “Seja marginal, seja herói”, de Hélio Oiticica, não são mais, ou tão somente, cédulas carimbadas e bandeiras mostradas em espaços expositivos, mas sim informação impressa no cognitivo, no fraseário e no imaginário coletivos da arte brasileira, tanto quanto Macunaíma, Macabéa ou Diadorim o é na literatura. (Morais, 2018, p. 1425)

Ao sugerir lugares para sentar que não existem, o desenho interfere na maneira como o espaço é percebido e usado. Ele convoca o corpo (individual e coletivo) a imaginar outra função para aquela calçada, para aquela parede. Trata-se de um gesto pequeno, mas que reposiciona o olhar e desloca a ordem funcional da arquitetura. Nisso está a



dimensão política do trabalho, que não denuncia diretamente a ausência de espaços de convivência, mas propõe indiretamente pela invenção de lugares mais agradáveis e propícios ao encontro.

Percebendo as necessidades burocráticas, como autorizações, fomentos e parcerias, dividi o trabalho em fases. A fase inicial, da qual o trabalho se encontra, se apresentará em uma exposição com desenhos em papel A1 dos bancos em formato de letras (Imagem 9 e 10). Esses desenhos propostos não tentam projetar resultados fiéis, não são visões de uma forma ideal a ser executada. São, como diz Godoy, projetos que não se projetam, mas se fazem projéteis, disparadores (Godoy, 2013, p. 86), que se mantêm como propostas em estado de potência, em suspensão.

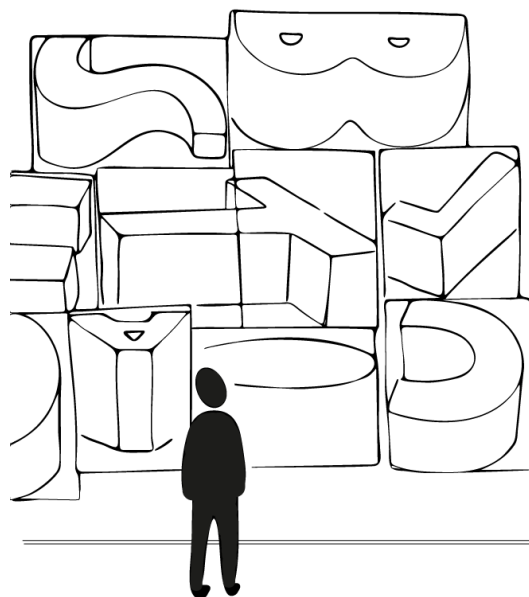
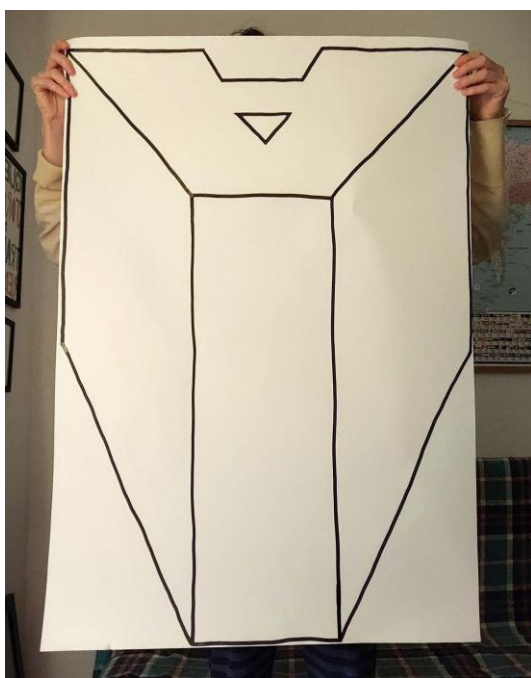


Imagem 9 e 10. Um dos desenhos e o esquema para exposição de *Projeto Piloto 2 (Fase 1)*, 2025.
Fonte: Acervo pessoal.

Conceituação

Utilizo o conceito de “fabulação” de Deleuze e Guattari (2010) para pensar como me relaciono com o espaço através das linguagens gráficas, sobretudo do desenho e da palavra, uma espécie de modo de pensar e também de operar com essas linguagens. Na dissertação de Wes Viana (2023), a pesquisadora destrincha o conceito de



fabulação a partir da filosofia de Deleuze, passando pela análise da ausência desta discussão dentro do campo das artes visuais e pela análise da obra e discurso de quatro artistas contemporâneos brasileiros por uma perspectiva crítica acerca de marcadores sociais e do conceito de fabulação.

Segundo a autora, “A fabulação política experimenta um novo modo de narrativa que afeta a ficção e a realidade cartografando devires-minoritários.” (Viana, 2023, p. 94). Esclarece então que, inventar mundos impossíveis como modo de produção artística, não se trata de implementar novos planetas ou civilizações, mas de propor outras maneiras de percepção de uma cultura, principalmente, a partir de discursos minorizados frente à hegemonia. Para a autora, a fabulação é vista como uma forma de se relacionar com o mundo que permite a transformação.

Um povo por vir não tem representante ou sacerdote, ele é inventado coletivamente pelo ato de fabular a vida, liberando-a de onde ela estiver presa. Nesse sentido, o artista fornece os meios necessários para que a vida flua em sua própria multiplicidade. (Viana, 2023, p. 99)

Percebo o desenho a todo momento se posicionando dessa maneira. Meu modo de criação e pensamento, inscreve no mundo um outro, ou ainda, inventa “mundos impossíveis”, que segue ecoando a frase: o compromisso do desenho é com o absurdo. Justamente por isso, esse fazer se torna também político, porque trata da realidade expandindo e rearticulando as fórmulas das coisas. Viana, aponta que “[...] na filosofia deleuzeana fabulação e criação são indissociáveis, juntas elas formam uma fabulação política de forças ativas e reativas do mundo.” (Viana, 2023, p. 94).

Nesse sentido, me aproximo também do que Deleuze propõe em *O ato de criação* (1999), ao afirmar que o cinema pode ser compreendido como uma forma de criação e pensamento, em que os conceitos de imagem-movimento e imagem-tempo são fundamentais para entender como o cinema pensa. Usando essa lógica para o campo do desenho, é possível dizer que o desenho também se configura como um modo de criação e pensamento, no qual a fabulação surge como conceito-chave, ou como um “conceito operatório”, nos termos de Sandra Rey (2002), para compreender como o desenho pensa.



Sobre o modo de pensar do desenho, alio-me novamente a Godoy que afirma que, “mesmo a partir de sua autonomia, o desenho conservará seu caráter de exercício do pensar. Justamente por sua natureza incandescente, de ser ao mesmo tempo projetivo e espontâneo.” (Godoy, 2013, p. 90). É por esse viés que me interessa a linguagem do desenho, como um exercício que se realiza por uma relação íntima e também política com a vida. Ou seja, uma forma de aprender a pensar a partir de sua prática.

Nessa experiência aberta pela prática percebo como o desenho nos proporciona um lugar e um tempo próprios:

O desenho é um lugar. Tal qual aquele que nos remetemos ao ler um livro, aquele que lemos levantando a cabeça, como dizia Barthes. Embora ele seja um lugar de afluxo de pensamentos, ele não nos lança para outros lugares como o livro, ele cria um lugar dentro do lugar, um lugar de absoluta atenção onde um grão de areia assume a dimensão equivalente ao tamanho de nosso interesse pela ‘coisa’.
(Sacco, 2014, p. 352)

É desse lugar criado pelo desenho que procuro pensar neste artigo as relações entre meu olhar e os meios de criar com o que é percebido. Tal criação se dá por entre o desenho e a palavra, sem ser estanque, e num diálogo que por vezes cria sobreposições. Nesse lugar, as palavras, frases, histórias e narrativas constantemente se transformam em desenhos. Da mesma forma, os desenhos se transformam em palavras, frases, histórias e narrativas. Então, no encontro entre o desenho e a palavra me pergunto: o que um empresta ao outro? O que eles compõem juntos? Como o desenho me ajuda a tensionar o espaço? Como a palavra pode fisgar do mundo questões para fabular os espaços? Segundo Farthing (2024), o desenho e a escrita participam de um mesmo reino que se dedica ao registro, à comunicação e à descoberta, dividindo-se entre as espécies: desenho, escrita, matemática e notação musical (Farthing, 2024, p. 31). Nesse sentido, a escrita e o desenho compartilham o mesmo ambiente, se alargam, cada um, para uma outra forma de atuação — o da fabulação.

Ao longo deste texto, busquei apresentar como o desenho e a palavra, em minha prática artística, operam como modos de perceber, intervir e fabular o mundo. Através



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

de trabalhos que lidam com a paisagem, o espaço urbano, o cotidiano e questões coletivas, desenvolvo formas de inscrever pequenos deslocamentos poéticos, políticos e sensíveis nos espaços. Nesse contexto, a fabulação se dá como forma de repensar o que já está dado, de tensionar e de abrir frestas. O desenho, entendido como linguagem autônoma e em processo, me permite habitar esses espaços de suspensão e invenção, assim como a palavra, que transita entre o silêncio e o enunciado, o legal e o subjetivo. Fabular, portanto, se tornou um exercício de inscrever no mundo outras formas de envolvimento, por diferentes suportes e em diferentes materialidades.



Referências

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Folha de São Paulo, São Paulo, 1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010.

FARTHING, Stephen; GONÇALVES, Flávio. A imagem maior do desenho. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 14, n. especial, 2024. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/issue/view/5136>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GODOY, Vinícius. O que o desenho nos propicia? Revista-Valise, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. [sem paginação], jul. 2013. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/issue/view/2160>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GROSS, Carmela. Conversa com Carmela Gross. Entrevista concedida a Douglas de Freitas. Carmela Gross, 2017. Disponível em: <https://carmelagross.com/conversa-com-carmela-gross/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

KYRIAKAKIS, Georgia. Desenho como matriz. In: DERDYK, Edith (org.). Disegno. Desenho. Designio. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

MORAIS, Fábio. Escritexpográfica. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS – ANPAP, 27., 2018, São Paulo. Anais.... São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p. 1417–1426. Acesso em: 16 jun. 2025.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. [sem paginação].

SACCO, Helene. A (Ré) fábrica: um lugar inventado, entre a objetualidade das coisas e a sutil materialidade do desenho e da palavra. 2014. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/116093#>. Acesso em: 16 jun. 2025.

VIANA, Wes. Fabulação na arte contemporânea brasileira: cartografia de artistas visuais. 2023. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em História e Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.